

# Fogão a lenha no dia a dia

Em uma barraca de madeirite, a mãe improvisa uma estrutura que serve de fogão a lenha. Com a madeira coletada nos arredores, acende o fogo e prepara o feijão misturado com ossos e salsicha para servir aos cinco filhos e ao marido. Maria Conceição Ribeiro, de 41 anos, faz parte das 12,3 milhões de famílias brasileiras que utilizam lenha para preparar os alimentos na falta de gás de cozinha (GLP). Por conta do alto preço do botijão de 13kg, muitas famílias estão dando preferência à moda antiga.

Em Santa Luzia, na Estrutural, Maria usa o dinheiro do auxílio Bolsa Família para comprar as comidas básicas. “Às vezes, quando eu ganho cesta básica, consigo aproveitar e comprar um botijão”, compartilha. Ela explica que, como o preço do gás é caro, ela sempre dá prioridade para alimentos que podem ser cozinhados a lenha.

A cunhada, Maria Aparecida da Silva Costa, de 56 anos, é vizinha de Conceição. Mora na Estrutural há 17 anos. “Eu vivo da reciclagem de plásticos e lixos”, explicou. Ela disse que consegue pouco menos de R\$ 500 por mês. “Eu moro sozinha. Não tenho quem me ajude com renda”, reclamou Maria Aparecida. Ela, assim como a

cunhada, utiliza o forno a lenha para cozinhar, porém, com exclusividade. “Eu não uso mais gás. Botijão é muito raro, faz tempo que não compro”, conta.

## Petrobras

A regra de reajuste de preços da Petrobras, desde janeiro deste ano, passou a ocorrer trimestralmente. A partir de março, a data para a vigência dos novos preços — que variam de acordo com o preço do barril de petróleo e com a variação cambial — tem sido o dia 5 dos últimos meses do trimestre. Em outubro, no entanto, a estatal não anunciou nenhum reajuste. Especialistas do mercado financeiro entenderam que a motivação para o adiamento do reajuste é o período eleitoral. O último aumento elevou o preço de R\$ 22,13 para R\$ 23,10.

Para o economista sênior da Confederação Nacional de Comércio de bens, Serviço e Turismo (CNC), Fábio Bentes, o preço do botijão é um dos 10 itens que mais impactam na inflação. “É um produto, na realidade, que tem um peso muito importante para as famílias. É muito difícil de abrir mão”, explicou. Como o preço do botijão é

afetado pela variação cambial e pelo preço do barril de petróleo, é natural que o preço suba e que o consumidor mais pobre sofra mais.

Para o presidente da Associação Brasileira de Revendedores de Gás (Asmirg), Alexandre Borjaili, o botijão de gás está se tornando um produto presente nas famílias com restrição de classe social. “Um produto essencial para a família do brasileiro está se tornando uma coisa de luxo”, critica. Ele entende que os reajustes ainda não são feitos da forma ideal. De acordo com ele, no fim das contas, acaba que as vendedoras ficam com dificuldades em obter lucro. “Nós não conseguimos repassar o preço. Quando abaixa, a gente continua tendo que manter o preço”, explica.

Sérgio Bandeira de Mello, presidente do SindiGás, explica que o alto preço do botijão é extremamente prejudicial para a economia, uma vez que é usado por mais de 90% da população. “Atinge a todos, principalmente à classe econômica mais baixa”, explicou. Para ele, a população brasileira mais carente agora tem “cozinhas flex”. “Usa o gás quando tem para cozinhar. Acabou, é vez de usar a lenha”, diz. (BSR)

Carlos Vieira/CB/D.A Press - 10/10/18



Maria Aparecida: “Eu não uso mais gás. Botijão é muito raro, faz tempo que não compro”